

# NO MAR

Maio 1952

RUBEM BRAGA

Se soubesse cantar alguma coisa cantaria "O Ebrio", de Vicente Celestino. "Tornei-me um ebrio..."

Um grande cansaço pesava em todo seu corpo, por onde a água escorria. Fechou o chuveiro, começou a se enxugar lentamente. Quando foi se vestir, a porta do armário estava aberta, a que tem o espelho dentro, e ele se viu nu. Achou-se branco, detestavelmente branco, como um europeu, sentiu-se meio gordo e mole. Há quanto tempo não tomava um banho de mar!

Odiou, de repente, sua vida de trabalho e de bar, vivida quase toda sob a luz artificial. Tinha mil coisas para fazer na cidade; precisava ir ao escritório daquele sujeito, telefonar para quatro ou cinco pessoas, providenciar aqueles papéis.

O telefone bateu. Ia atender, mas sentiu que se atendesse ficaria preso — preso àquele fio negro, aos compromissos, às salas dos edifícios do centro, à vida de todo o dia. O telefone ainda tocava quando ele saiu para a praia. O sol era leve. Comprou três mexericas, saltou para a praia, esticou-se na areia, de bruços, os olhos sobre um braço recebendo nas costas o calor do sol. Dentro de sua cabeça giravam conversas e músicas da madrugada, rostos de mulher, encrencas de negócios.

Quando se levantou e começou a andar pela praia, teve a impressão de que, sob um guarda-sol colorido, estava um casal conhecido. Passou longe; não queria encontrar ninguém, tinha um certo pudor de seu corpo assim branco, pesado, sem graça. Foi andando e sentindo prazer em andar ao sol, em encher os pulmões de vento do mar. Num trecho de praia deserto teve vontade de fazer ginástica; mas se deixou ir andando a chapinhar, como um menino, pela água cheia de espumas. Foi quando parou, e ficou olhando as espumas, enquanto a marola se retirava, levando um pouco de areia sob os seus pés, e sentiu uma leve tontura, é que teve consciência de como se afastara do mar de como se fizera estranho ao mar, de como se esquecera o mar, como quem se esquece de um grande amigo ou de um grande cão querido, de uma pátria idolatrada, de uma mulher amada. Foi avançando devagar, recebeu no peito, depois na cara os primeiros borrifos de espuma e, como sentisse frio, deu mais alguns passos depressa, para poder mergulhar. Teve prazer em beber um pouco de água salgada, depois em

receber no corpo uma lambada de onda mais forte. Avançou ainda, passou a arrebatção, começou a nadar para fora; depois se voltou de costas, ficou boiando. Olhava duas nuvens brancas no céu muito azul. Era como se fossem as mesmas nuvens de vinte anos atrás, de trinta anos atrás, no mesmo céu da infância — e tudo o que houvera depois era escuro e sem sentido, os homens

com quem lidara, as mulheres que amara, e as brigas e tristezas — tudo era remoto e absurdo como um pesadelo em um túnel. As nuvens se moviam devagar. Sentiu que seu corpo ia afundando, moveu lentamente os pés, sentia o sol quente na cara molhada.

Quando começou a nadar para voltar à terra, percebeu que uma corrente o puxava para fora, com uma força invencível, e que os músculos de seus braços doíam de fadiga. Debateu-se ainda, com uma súbita raiva de animal que não quer morrer, e a água abafou o seu grito rouco. Pensou confusamente que deixara as três mexericas na praia, e o telefone tocando no apartamento. Longe, no horizonte, passava um vapor.

Abril 1952

M 105-1.5.54